

A génese de línguas formadas em contextos multilingues: uma abordagem paramétrica

PERPÉTUA GONÇALVES

(Universidade Eduardo Mondlane)

1. Introdução

Nesta comunicação, vou mostrar que o estudo da formação de variedades não-nativas (VNN) de línguas ex-coloniais em contextos naturais multilingues pode proporcionar argumentos válidos para a captação da génese das línguas crioulas.

De acordo com a minha investigação sobre o Português de Moçambique (PM), esta VNN do Português caracteriza-se pelo desencadeamento de um grande número de mudanças paramétricas relativamente ao Português europeu (PE) num período de tempo relativamente curto. Sabendo que as línguas crioulas se caracterizam igualmente por uma ruptura catastrófica com as línguas contribuintes num período de tempo breve, vou tomar os resultados da pesquisa sobre a mudança do Português em Moçambique como base para a formulação de hipóteses de trabalho sobre a génese dos crioulos.

A ideia de aproximar as propriedades de línguas não maternas dos crioulos não é original. Na literatura crioulista disponível, esta aproximação tem consistido crucialmente na descoberta de padrões de aquisição comuns aos crioulos e às L2s (cf. Muysken & Veenstra (1995), para uma visão panorâmica). Na pesquisa sobre VNNs de línguas ex-coloniais, por seu lado, nomeadamente sobre os chamados “New Englishes” (NE), aquelas têm também sido aproximadas dos crioulos. Platt et al (1984:9), por exemplo, admitem que no *continuum* de fala pós-crioulo, o acrolecto e alguns mesolectos de base lexical de língua inglesa sejam considerados NEs. No que se refere mais particularmente a uma VNN africana do Inglês, Mesthrie (1992), que estuda o Inglês indiano da África do Sul mostra que a formação deste NE está próximo do modelo de desenvolvimento da crioulição visto que “foi não só nativizado mas também adoptado como uma L1 desde os primeiros tempos” (p. 185).

Tanto quanto é do meu conhecimento, os resultados da investigação sobre as VNNs não têm sido tomados em consideração nos estudos sobre as línguas crioulas. Uma razão importante para este não cruzamento fertilizador de informação talvez resida no facto de que, contrariamente aos crioulos, as VNNs não são as L1s da maior parte dos membros das comunidades linguísticas onde são faladas. Na minha opinião, o facto de estes “Novos” estádios de língua emergirem em comunidades linguísticas naturais multilingues, num contexto de aquisição por crianças, faz com que - mesmo não sendo as L1s - seja particularmente interessante a sua comparação com os crioulos, igualmente surgidos em situação de contacto de línguas¹.

A vantagem que o estudo da génese de VNNs pode oferecer para a compreensão da génese das línguas crioulas reside, por um lado, no facto de aquelas se formarem em contextos sociolinguísticos menos complexos do que as línguas crioulas, permitindo assim ter uma visão mais clara das estratégias de aquisição que, em contextos multilingues, dão origem a novos estádios de língua. Por outro lado, o facto de as VNNs constituírem instâncias de mudança linguística actualmente em curso, proporciona uma oportunidade única para os linguistas observarem as condições em que decorre a emergência catastrófica de um novo estádio de língua.

A análise das VNNs e da crioulação numa perspectiva de mudança linguística não é pacífica. Se é verdade que os crioulos são línguas “mistas” (Muysken, 1988:285), que exibem elementos das diferentes línguas em contacto, tal não implica necessariamente que seja possível estabelecer elos de continuidade consistentes entre os crioulos e os sistemas gramaticais das línguas contribuintes².

Parece ser já consensual que a aquisição das línguas crioulas decorreu em “condições não usuais” (Lightfoot, 1991), visto que não parece ter existido propriamente uma língua tomada como alvo, como

¹ Esta não é a primeira vez que sugiro uma aproximação entre as VNNs e os crioulos. Em Gonçalves (1992) procurei mostrar o papel da interferência semântica na organização da gramática do PM que se está formando em situação de contacto de línguas.

² Cf. Arends & Bruyn (1995) sobre as diferentes posições assumidas na literatura crioulista face à relação dos crioulos com as várias línguas que contribuíram para a sua formação.

acontece nos casos “normais” de mudança de língua (‘language shift’), em que a língua-alvo como um todo está disponível. Para Thomason & Kaufman (1988), nos casos de crioulização “abrupta”, não se pode sequer atribuir aos crioulos uma origem genética. Estes autores discordam assim da sua análise como línguas surgidas de um processo de mudança linguística, que apenas se distingue dos processos diacrónicos “normais” pela intensidade da mudança.

Lightfoot (1999:148), que retoma a “visão abrupta da crioulização” de Thomason & Kaufman, reconhece que “existe uma dramática discrepância, muito maior do que em contextos não crioulos, entre o que os primeiros falantes de crioulo ouvem na infância e aquilo que as suas gramáticas amadurecidas caracterizam eventualmente como bem-formado”. Para este autor, contudo, não é tanto a visão “não genética” da crioulização que está em causa, mas a explicação para a ruptura entre o *input* linguístico das crianças crioulas e a capacidade gramatical que atingem. Esta ruptura aparece associada, em Lightfoot (1991:174), à fixação de novos valores de parâmetro em “sucessão rápida”, devido à exposição a um *input* “heterogéneo”, constituído por expressões de várias línguas, incluindo pidgins.

Mesmo admitindo que a génese dos crioulos não pode ser adequadamente captada como um processo de mudança linguística “normal”, ficam por explicar as razões que tornam particularmente catastrófica a ruptura entre estes e as línguas presentes no processo de aquisição em que emergem. Sem ignorar as especificidades e as diferenças não triviais entre a formação das VNNs e a génese das línguas crioulas, nesta comunicação serão postos em destaque alguns aspectos da aquisição do PM/L2 que mostram como se processa esta “catástrofe”. Mais particularmente, neste estudo proponho uma abordagem paramétrica das diferenças entre o PM/L2 e o PE, mostrando que é ao nível da língua-I(internalizada), ou I-língua (Chomsky, 1986), que estas duas variedades do Português devem ser contrastadas. Na minha opinião, este tipo de abordagem permite compreender a distância tipológica entre esta VNN e o seu alvo, o PE, e é por essa razão que considero que este tipo de investigação proporciona igualmente argumentos para a captação da distância tipológica entre os crioulos e as línguas contribuintes. Note-se que os

estudos mais recentes sobre os crioulos consideram necessário orientar a investigação neste mesma perspectiva. Para DeGraff (1999: 11). “parte da evidência histórica a ser usada como critério de “crioulidade” (‘creolness’) poderia envolver a avaliação da distância entre o feixe de valores de parâmetros de uma dada língua e os feixes correspondentes das línguas antecedentes relevantes.”

2. Quadro teórico e hipótese de investigação

No meu estudo sobre o PM, uma L2, assumo que a Gramática Universal (GU) está envolvida na aquisição das L2s. Considero, contudo, que esta difere da aquisição das L1s pelo facto de que os aprendentes de uma L2 têm o conhecimento prévio de uma I-língua, a gramática da sua L1. Quando há uma diferença entre os valores de parâmetro fixados pela L1 e a L2, há mais probabilidades de ser fixo um valor de parâmetro “errado”, i.e. diferente do da gramática da língua-alvo (cf. White (1988), Flynn & O’Neil (1988), Al-Kasey & Pérez-Leroux (1998)).

Embora a aquisição de uma língua, L1 ou L2, seja um processo dedutivo determinado pela faculdade da linguagem, são os dados linguísticos primários a que a criança está exposta que fazem emergir (‘trigger’) as propriedades gramaticais da língua a ser adquirida. Quando as evidências que podem conduzir à fixação de um certo valor de parâmetro - as chamadas “deixas” (‘cues’) - não são suficientemente robustas, e permitem a fixação de mais de um valor de parâmetro, pode emergir uma “nova” gramática, i.e., pode ocorrer a mudança linguística (Cf. Lightfoot, 1991).

— A fixação de um novo valor de parâmetro (NVP) repercute no sistema gramatical do aprendente, levando à fixação de NVPs, e é por isso que Lightfoot (1991) considera que a natureza da linguagem é catastrófica. Embora este seja um efeito comum tanto à aquisição de L1s como de L2s, no caso destas últimas há mais probabilidades de a cadeia de mudanças paramétricas ser mais intensa, sobretudo, como foi referido, no caso de haver diferenças nos valores de parâmetro das L1s e da L2/língua-alvo.

— Para além das reacções paramétricas em cadeia, cada NVP desencadeia também um leque de efeitos de superfície, i.e., de

construções visíveis no discurso produzido pelos falantes, que não poderiam ter sido geradas pelo valor de parâmetro fixado pela gramática do modelo original (Cf. Lightfoot, 1991).

Em síntese, o estabelecimento de uma nova propriedade gramatical não só desencadeia efeitos importantes no sistema gramatical dos aprendentes, como dá origem a um *output* linguístico fortemente diferenciado do que é gerado pela gramática da língua tomada como alvo.

De acordo com a minha pesquisa sobre o PM, algumas mudanças paramétricas relativamente ao PE desencadeiam-se devido à diferença nos valores de parâmetro fixos pela gramática das L1/LBs dos aprendentes e pela gramática do PE, nos casos em que as “deixas” do *input* não são suficientemente robustas. No estudo a ser aqui apresentado, vou precisamente mostrar como é que, quando há o contacto de duas gramáticas com valores distintos para alguns dos seus parâmetros não só emergem mais NVPs, como também a sua repercussão no sistema gramatical é mais intensa³. Como consequência são também mais numerosos os efeitos de superfície desta cadeia de NVPs, dando assim a aparência de ter ocorrido uma catástrofe ainda maior.

Em síntese, neste estudo proponho uma mudança na abordagem do PM, de acordo com a qual as diferenças entre o PM e o PE podem ser tomadas como produto “visível” de uma cadeia de mudanças gramaticais, desencadeadas no processo de aquisição desta L2. Este tipo de abordagem da formação da variedade moçambicana do Português permite compreender e explicar por que razão a

³ Vale a pena ressaltar, contudo, que a existência de “cascatas” de mudanças paramétricas não é uma componente obrigatória do processo de aquisição. Em alguns casos, mesmo que um certo valor de parâmetro não faça parte da gramática da língua-alvo, a sua fixação não requer outras mudanças paramétricas. Por exemplo, no PM as Ps (e também os advérbios) parecem não reter o traço de subcategorização [—SCOMP], que, no PE, as torna núcleo de sintagmas que contêm uma oração subordinada (cf. *Trabalho* [*SP para* [*SCOMP que* [*possas estudar*]]]). Neste caso, o NVP apenas desencadeia um feixe de efeitos de superfície, visíveis no discurso produzido por falantes do PM. São exemplo destes efeitos a ocorrência de orações completivas introduzidas por “*de/para QUE*” (ex: *Rogo para que me auxiliem*), assim como de orações adverbiais introduzidas por “*embora/mal QUE*” (ex: *Estou a tentar ser músico, embora que não sou conhecido*.)

mudança linguística é mais dramática quando decorre em contexto multilingue. É neste quadro que admito, como hipótese de trabalho, que a adopção desta mesma perspectiva na análise do processo de aquisição dos crioulos pode tornar mais motivada a relação entre os crioulos e as línguas contribuintes.

3. Português de Moçambique: uma abordagem paramétrica

Neste estudo, assumo que os parâmetros são propriedades abstractas do sistema gramatical, e que, em cada língua, os seus valores estão associados a itens particulares, i.e., todos estamos munidos com princípios universais que não podem ser instanciados sem material lexical (cf. "The Lexical Parameterization Hypothesis" de Wexler & Manzini, 1987).

No estudo a ser aqui apresentado, considero que os vários tipos de construções do PM que atestam mudanças relativamente ao PE constituem evidências de mudanças que atingem os itens de duas classes sintácticas, as preposições (P) e os verbos (V). Como foi anteriormente referido, tais construções constituem o resultado visível da fixação de NVPs, que distinguem a gramática desta VNN do PE.

Apresentarei em seguida um conjunto de mudanças que afectam as categorias P e V, e que documentam a complexa rede de mudanças paramétricas e respectivos efeitos de superfície que se desencadeiam no processo da sua aquisição em contexto multilingue:

(i) As Ps que regem complementos verbais projectam uma estrutura argumental plena. A contraparte desta mudança é que no PM são abandonadas as Ps "defectivas" do PE que apenas apoiam os Vs quer na marcação casual dos seus argumentos (cf. exemplos (1a) vs (1b)), quer na sua marcação temática (cf. exemplos (2a) e (3a) vs (2b) e (3b)):

- 1 - a) PM: O comandante explicou _[NP o major] _[NP o tal assunto].
 b) PE: " " " _[PP ao major] _[NP o tal assunto].
- 2 - a) PM: Eles batiam _[NP todas as crianças].
 b) PE: " " _[PP em/a todas as crianças]

3 - a) PM: Os padres tinham abusado [_{NP} os rapazes].

b) PE: “ “ “ “ [_{PP} dos rapazes].

(ii) Quanto aos Vs, verifica-se que podem atribuir dois casos aos seus complementos, diferentemente do PE, onde os Vs apenas atribuem um caso (cf. Gonçalves, 1990). Esta mudança paramétrica torna possível o abandono da P a que no PE apoia o V na marcação casual do argumento OI (cf. (1a) vs (1b)). Daqui resulta a possibilidade de construções de duplo objecto (cf. (1a)) e de passivas dativas, a seguir exemplificadas:

4 - PM: [_{NP} O major] foi explicado [_{NP} o tal assunto].

(iii) Ainda no que se refere aos Vs, verifica-se que os itens que admitem uma interpretação agentiva são não defectivos, isto é, projectam a estrutura transitiva < SN V SN>. A contraparte desta mudança paramétrica é a perda de Ps que apoiam os Vs defectivos do PE (cf. exemplos (2a) e (3a) vs (2b) e (3b)), e ainda a criação de um par transitivo para Vs inacusativos do PE que não o possuem, como pode ver-se no exemplo (5):

5 - PM: [_{NP} Aquela senhora] nasceu [_{NP} os filhos] na Suazilândia.

Conforme referido anteriormente, cada uma das mudanças paramétricas (i)-(iii) não parece ter ocorrido de forma independente, ou melhor, a emergência de cada um destes NVPs parece ter requerido a fixação de outros NVPs com os quais tem de ser compatível. Por exemplo a mudança (i) tem de ser articulada com a mudança (ii), uma vez que, por um lado, impede a existência de uma P “defectiva” que apenas funcione como marcador casual. Por outro lado, esta mesma mudança (i) dá origem a construções de duplo objecto, que só podem ser legítimas se tiver ocorrido a mudança (ii). A mudança (i) está igualmente articulada com a mudança (iii), uma vez que a sua ocorrência requer que os Vs agentivos sejam marcadores temáticos plenos dos seus argumentos, tornando desnecessária a presença de Ps que os apoiem apenas na marcação temática dos seus argumentos.

É interessante notar que a mudança (i), em combinação com (ii), repercutem ainda em itens da classe nominal, produzindo nova mudança paramétrica, que pode ser assim caracterizada:

(iv) Os nomes com o traço [+ Humano] são integrados numa subclasse nominal, inexistente no PE. A contraparte desta mudança no PM é a reanálise de itens lexicais do PE associados ao OI como parte desta subclasse. Os exemplos (6) mostram o uso da *Pa* e do clítico dativo do PE com nomes com este traço semântico:

6 - a) PM: Os homens conquistam [_{PP} **a** essas mulheres]. (PE: ... [_{NP} essas mulheres])

b) PM: Levam a miúda para o quarto e vestem-**lhe**. (PE: ... vestem-na)

Muitos outros fenómenos observáveis no PM poderiam ser explicados à luz desta cascata de mudanças paramétricas. Por exemplo, pode considerar-se que a mudança (i) está na origem da vinculação das *Ps* do Português a papéis semânticos específicos. Assim, para além da *Pa*, que aparece associada a nomes [+ Humano]⁴, verifica-se que a *P em* rege sistematicamente complementos locativos. Exemplos:

7 - a) PM: Manda esses marginais [_{PP} **na** esquadra]. (PE: ... [_{PP} **para** a esquadra])

b) PM: Os meus filhos frequentam [_{PP} **naquela** escola]. (PE: ... [_{NP} aquela escola])

Um outro argumento em favor desta análise “catastrófica” das mudanças em curso no PM é que, caso alguma delas não seja tomada em consideração, alguns fenómenos visíveis no PM ou ficam inexplicados ou parecem decorrer de uma gramática “selvagem”, que admite regras contraditórias. Estão neste caso, por exemplo, as frases (1a) vs (6a), ou as frases (2a) e (3a) vs (7a), que mostram a existência de fenómenos aparentemente contraditórios, de supressão versus inserção de *Ps* junto de complementos verbais.

⁴ Cf. Gonçalves (1994), em que se mostra que se trata da aplicação de uma “regra de realização” (Williams, 1981), em sintaxe, do papel semântico de beneficiário, que é tipicamente [+ Humano].

4 - Considerações finais

Neste estudo, procurei mostrar que o contacto de duas gramáticas com diferentes valores para alguns dos seus parâmetros pode dar origem a mudanças paramétricas em cadeia, que acentuam a distância tipológica entre a língua tomada como alvo e a capacidade gramatical (ou I-língua) atingida pelos falantes de uma L2. Como consequência o *output* gerado pela “nova” gramática contém uma série de efeitos de superfície distintos dos que seriam gerados pelos valores de parâmetro do modelo-alvo, dando assim a aparência de ser ainda mais catastrófico o processo de mudança linguística.

Como se viu, a análise do PM nesta perspectiva paramétrica permite captar as suas diferenças relativamente ao PE a um nível mais abstracto, e, desta maneira, articular, a nível da I-língua esta VNN e o PE. Em última instância, este tipo de abordagem do PM permite captar as suas especificidades, a sua “moçambicanidade” gramatical, mostrando ao mesmo tempo as relações estruturais que se estabelecem no interior desta mesma gramática.

Se, para além dos dados linguísticos propriamente ditos, se tiver em consideração que esta VNN se forma num contexto de quase ausência de falantes nativos da língua tomada como alvo, podemos compreender mais facilmente por que razão, num período de tempo relativamente breve, os NVPs passam a ser partilhados pela comunidade de falantes do PM/L2. Na verdade, isto é também o que parece acontecer na génese dos crioulos em que, como foi aqui visto, num período de tempo relativamente breve, quase se perdem os elos de continuidade com as línguas contribuintes, provavelmente devido a factores sociohistóricos “extra-ordinários” (DeGraff, 1999).

Em suma, com este breve estudo, espero ter demonstrado que os resultados de investigação sobre as VNNs podem fornecer argumentos para a compreensão dos factores que intervêm na génese das línguas crioulas, contribuindo assim para sustentar a hipótese de que, em nenhum dos casos, se trata de línguas com um estatuto especial, que reflectem a GU de alguma maneira também especial.

Referências

- AL-KASEY, T. & A. PÉREZ-LEROUX (1998) "Second Language Acquisition of Spanish Null Subjects". In FLYNN, S., MARTOHARDJONO, G. & W. O'NEIL (Eds.). *The Generative Study of Second Language Acquisition*. Mahwah. Lawrence Erlbaum Associates: 161-185.
- ARENDS, J. & A. BRUYN (1995) "Gradualism and Development Hypotheses". In ARENDS, J., P. MUYSKEN & S. NORVAL (Eds.), *Pidgin and Creoles: an Introduction*. Amsterdam. John Benjamins: 111-120.
- CHOMSKY, N. (1986) *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York. Praeger.
- DEGRAFF, M. (1999) "Creolization, Language Change, and Language Acquisition: a Prolegomenon". In DE GRAFF, M. (Ed.), *Language Creation and Language Change*. Cambridge, Mass. MIT Press: 11-46.
- FLYNN, S. & W. O'NEIL (1988) "Introduction". In FLYNN, S. & W. O'NEIL (Eds.). *Linguistic Theory in Second Language Acquisition*. Dordrecht. Kluwer: 1-24.
- GONÇALVES, P. (forthcoming). *The Genesis of Mozambican Portuguese, a New "African" Portuguese*.
- GONÇALVES, P. (1994) "Uma Hipótese sobre Estratégias de Aprendizagem do Português/L2 em Moçambique". In DUARTE, I. & I. LERIA (Eds.). *Congresso Internacional sobre o Português, Vol. II*. Lisboa. Associação Portuguesa de Linguística e Edições Colibri: 471-490.
- GONÇALVES, P. (1992) "O Papel da Interferência Semântica na Mudança Linguística". In D'ANDRADE, E. & A. KHIM (Eds.). *Actas do Colóquio sobre Os Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri: 73-80.
- GONÇALVES, P. (1990) "A Construção de uma Gramática de Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos". *Dissertação de doutoramento*, Universidade de Lisboa.

- LIGHTFOOT, D. (1999) *The Development of Language. Acquisition, Change and Evolution*. Oxford. Blackwell.
- LIGHTFOOT, D. (1991) *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, Mass. MIT Press.
- MESTHRIE, R. (1992) *English in Language Shift: the History, Structure and Sociolinguistics of South African Indian English*. Cambridge. Cambridge University Press.
- MUYSKEN, P. (1988) "Are Creoles a Special Type of Language?" *In* NEWMeyer, F. (Ed.). *Linguistic Theory: Extensions and Implications*. Cambridge: Cambridge University Press: 285-301.
- MUYSKEN, P. & T. VEENSTRA (1995) "Universals Approaches". *In* ARENDS, J., P. MUYSKEN & S. NORVAL (Eds.). *Pidgins and Creoles: an Introduction*. Amsterdam. John Benjamins: 121-134.
- PLATT, J., WEBER, H., & M. HO (1984) *The New Englishes*. London. Routledge and Kegan Paul.
- THOMASON, S. & T. KAUFMAN (1988) *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley. University of California Press.
- WEXLER, K. & R. MANZINI (1987) "Parameters and Learnability" *In* ROEPER, T. & E. WILLIAMS (Eds.). *Parameter Setting*. Dordrecht. D. Reidel Publishing Company: 221-238.
- WHITE, L. (1988) "Island Effects in Second Language Acquisition". *In* FLYNN, S. & W. O'NEIL (Eds.). *Linguistic Theory in Second Language Acquisition*. Dordrecht. Kluwer: 144-172.
- WILLIAMS, E. (1981) *Argument Structure and Morphology: The Linguistic Review*, 1: 81-114.